

ESTILO ECLÉTICO NA ARQUITETURA DE JUIZ DE FORA (MG) –UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

Ana Lúcia Fiorot de Souza *

INTRODUÇÃO:

No presente trabalho buscamos mapear os diferentes enfoques encontrados nos estudos da arquitetura de Estilo Eclético na cidade de Juiz de Fora. Em primeiro lugar, é necessário visualizar o período compreendido na análise dos seguintes autores: Luiz Alberto do Prado Passaglia em *Preservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora*; Vanda Arantes do Vale em *A arquitetura latino-americana da industrialização: Juiz de Fora (1890-1930)*; Patrícia Falco Genovez coordenadora de uma série de artigos sobre a arquitetura local publicados na *Clionet*¹ e o Paulo Gawrysewski coordenador do *Guia dos bens tombados de Juiz de Fora*.

Posteriormente, procuramos visualizar como se processou a difusão do Estilo Eclético em Juiz de Fora (e sua reinterpretação), os protagonistas (engenheiros, arquitetos, construtores e mestres-de-obras) e a atuação do imigrante nesta atividade. Também, observamos uma possível referência à dificuldade de importação durante o período da Primeira Grande Guerra Mundial, uma vez que a difusão deste estilo esteve pautada na utilização de materiais europeus.

Consideramos como representantes do Estilo Eclético as edificações que mesclavam materiais como vidro, ferro, ladrilho hidráulico, entre outros, fornecidos pelo desenvolvimento industrial do século XIX. Estas edificações apresentavam uma ornamentação externa rica em detalhes ao conjugar elementos clássicos (greco-romanos, românicos, góticos, renascentista e barroco). Nos interiores, fez-se uso, principalmente do papel de parede e de pinturas decorativas.

Em cidades como Juiz de Fora e São Paulo, os excedentes da economia cafeeira passaram, de certo modo, a financiar a indústria nascente de bens de consumo.² Assim, Anderson J. Pires, em *Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930* mostra como se procedeu, após a abolição, o surgimento e a reorganização de novas formas de trabalho, que impulsionaram uma monetarização estimuladora da indústria municipal.³

Na arquitetura, o Eclétismo foi o porta voz do capitalismo internacional, pois projetou uma imagem de luxo, de elementos diversos, materiais de variadas procedências, revivalismos de formas, sejam renascentistas ou barrocas e uso de materiais industriais. É, ao mesmo tempo, símbolo e síntese da criação dos produtos do século XIX.

Centros urbanos foram criados ou remodelados, no Brasil, buscando modelos opostos aos coloniais. O navio a vapor e as estradas de ferro possibilitaram a chegada de novos produtos em diversos pontos do país. Com maior possibilidade de locomoção, fazendeiros e pessoas de destaque das diversas localidades interioranas, passaram a buscar na vida urbana satisfazer melhor suas novas necessidades sócio-econômicas e culturais.

Em Juiz de Fora, com a construção e inauguração da Estação Ferroviária, em 1877, na região central da cidade (Praça João Penido), impulsionou-se uma aglutinação arquitetônica de estilo Eclético em seu entorno.⁴

Após o advento da ferrovia, tivemos uma profunda transformação do seu cenário urbano, apresentando uma outra diretriz para o seu desenvolvimento, como medidas de saneamento e de lazer, na medida que Juiz de Fora passava a abrigar toda uma classe caracterizada econômica e culturalmente de costumes citadinos e burgueses.

Passou a existir, assim, uma preocupação com o bem-estar, com o conforto, o que provocou uma significativa mudança nos sistemas de transporte e de iluminação. Em Juiz de Fora, a urbanização foi desenhada, principalmente, por um crescente processo de industrialização absorvedor de modelos ingleses; estes fizeram com que a cidade recebesse o epíteto de Manchester Mineira.⁵ Maraliz de Castro Vieira Christo, em *Europa dos pobres: A Belle-Époque Mineira*, analisa, por exemplo, como as atividades desenvolvidas por Bernardo Mascarenhas estão ligadas ao projeto de

modernização da cidade, percebendo o envolvimento do empresário nos setores industrial, educacional, financeiro, imobiliário e de construção civil e infra-estrutura urbana.⁶

Segundo Annateresa Fabris, em seu artigo “O Eclétismo à luz do modernismo”, a ‘feição européia’, assumida por algumas cidades, no seu processo urbanizador, não é apenas resultado das técnicas construtivas de novos modelos arquitetônicos somadas com a presença do imigrante. Tal tendência refletia o anseio de integrar a modernidade contemporânea e seu desenvolvimento econômico, o que fica bem explícito, na administração pública da época, haja vista uma certa preocupação em seguir modelos europeus.⁷ Existe uma procura pela uniformização e difusão de padrões ocidentais de consumo e produção, bem como de padrões hegemônicos de costumes e sobrevivência “modernos”. Esta ocidentalização exerceu importante efeito simbólico sobre as classes dirigentes locais à medida que passaram a ter como forma de conduta a busca do moderno, da evolução, que teria na forma urbana, seu espaço privilegiado de manifestação.

Dentro de tal universo de contrastes culturais e de prosperidade econômica, Juiz de Fora dentre outras cidades brasileiras, em seu processo de expansão ou mesmo de remodelação, adotou o Estilo Eclético como meio de expressar sua identificação com o progresso sócio-econômico-cultural contemporâneo. Para a burguesia, segundo Fabris, o Eclétismo, “neo-algo”, seria a garantia de uma promoção simbólica visível para a modernidade.⁸

DEBATE HISTORIOGRÁFICO:

Na análise de PASSAGLIA⁹ que consideramos como representante da arquitetura de Estilo Eclético inicia-se com a construção da chácara do Comendador Mariano Procópio (em 1860) e termina com as construções da Sede do Banco de Crédito Real, do Cine Teatro Central e da Escola Normal (final da década de 1920).

O autor destaca a atuação dos imigrantes, primeiro, os de origem alemã, e, depois, os de origem italiana como sendo os grandes responsáveis pela composição do conjunto arquitetônico da cidade de Juiz de Fora.

Por ser um trabalho que visa instrumentalizar o poder público para a preservação do Patrimônio Histórico, observamos não uma preocupação com as características arquitetônicas, e sim com o seu contexto histórico e sua relação dentro da composição urbana. Portanto, não utiliza um conceito claro sobre arquitetura Eclética, apenas subentende que foi fruto da ferrovia e das divisas produzidas pelo café.

Sobre a influência da Primeira Grande Guerra, PASSAGLIA apenas destaca sua influência dentro dos cursos de arquitetura, uma vez que foram perdendo substância, distanciando cada vez mais da realidade sócio-cultural do país; não destaca a dificuldade ou não de importar bens importados devido ao contexto externo.

A análise apresentada por DO VALE¹⁰ prioriza os aspectos históricos da arquitetura. Não apresenta, portanto, uma linguagem técnica arquitetônica. Observamos que o período estudado (1880-1930) expressa um Eclétismo que concomitantemente segue a essência européia, possuindo uma interpretação e adaptação para os anseios do público consumidor local.

Como difusores deste estilo (engenheiros, arquitetos e mestres-de-obras), observamos a presença dos alemães e italianos como propagadores, idealizadores ou construtores. Porém, é importante destacar a influência norte-americana, apresentada na formação acadêmica de Quintiliano Nery Ribeiro e também dentro da filosofia apresentada na construção do colégio Granbery. Assim, são características dos palacetes da burguesia industrial que buscava ser aristocrática¹¹:

- Prédios situados centralmente em terrenos de grandes proporções;
- Predomínio do quantitativo, grande número de cômodos específicos, evitando-se a superposição de funções;
- Presença de torres e torreões;
- Prédios em dois pavimentos com porões aproveitáveis;

- Adoção de elementos que revelam as conquistas tecnológicas como pára-raios, campanha elétrica, banheiros internos e água corrente nos dormitórios .

O Eclétismo, introduzido pelos fazendeiros industriais, expressava, portanto, os anseios da classe dominante. No início, tanto em Juiz de Fora como em São Paulo, havia poucos arquitetos e muitos mestres-de-obras italianos.

O Eclétismo em Juiz de Fora é o emblema da industrialização no período entre 1880-1930. Os proprietários o adotam como estilo, patrocinando a modernização, higienizando, racionalizando o espaço, construindo bairros residenciais, administrativos e comerciais. Para os operários as moradias são impostas pelos proprietários das fábricas e refletem uma certa unidade de padrão, como pode ser observado nas vilas operárias e cortiços.

São construídas com economia de material, ocupando o máximo do terreno. Aí, podemos observar uma contradição no discurso higienista propagado no período, no qual dizia-se que os imóveis precisavam ser arejados.

Dentro desta análise apresentada por DO VALE, não observamos referência à difusão do Estilo no período da Primeira Grande Guerra Mundial. Porém, é relevante ressaltar o caráter reinterpretaivo do estilo Eclético adotado na cidade de Juiz de Fora.

A última parte da análise abarca os artigos publicados na *Clionet* (www.ufjf.br/~clionet/bvhbr) e o *Guia de bens tombados de Juiz de Fora* devido à composição da equipe técnica produtora das duas obras. Entendemos, que os artigos da *Clionet* tornaram-se subsídios para o tombamento dos imóveis destacados como de interesse histórico para o município de Juiz de Fora.

Os artigos na *Clionet* foram divididos em Núcleos Históricos e Arquitetônicos: Praça Dr. João Penido, Ruas Halfeld e Marechal Deodoro (parte baixa e parte alta), Rua Batista de Oliveira e Avenida Getúlio Vargas, Bairro Granbery, Rua Espírito Santo, Avenida Rio Branco (Alto dos Passos, Parque Halfeld e Largo do Riachuelo), Avenida dos Andradas e Bairro Mariano Procópio. Apresentam um panorama histórico e arrolam os aspectos arquitetônicos.

No *Guia de Bens Tombados de Juiz de Fora*, os imóveis são individualmente apresentados, sendo destacada a localização, época da edificação, tombamento municipal, uso atual e, por último, um histórico e descrição.

Não observamos uma clara preocupação em pontuar cronologicamente o período de difusão do Estilo Eclético, nem mesmo uma referência concreta ao período da Primeira Grande Guerra Mundial.

No entanto, é nítido que os princípios do Estilo Eclético chegaram a Juiz de Fora com os primeiros engenheiros alemães que atuaram nos projetos do Comendador Mariano Procópio. Com a intensificação da entrada de imigrantes na cidade, observamos a entrada das demais etnias neste campo de atuação, destacando os de origem italiana. Notamos registros das últimas edificações desta linha na década de 1930 acompanhando a tendência nacional.

Dentro desta análise, mescla-se um panorama histórico a um detalhamento das características arquitetônicas das edificações citadas. Porém, não destacamos as análises formalísticas para adequar ao propósito em questão.

Dentro da análise notamos, a influência de uma preocupação higienista oriunda do Rio de Janeiro, principalmente nas edificações de uso comercial (uso da porta de ferro para facilitar a ventilação) e, de forma especial, da importação deste estilo que naquele momento representava a modernidade em Juiz de Fora primeiro pólo industrial de Minas Gerais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

De um modo geral, observamos nos enfoques apresentados uma considerável preocupação dos estudiosos sobre o Estilo Eclético em um período tão próspero para Juiz de Fora, abrangendo de 1861 com a Chácara de Mariano Procópio a 1931 com a criação da Sede do Banco de Crédito Real.

O Estilo Eclético foi difundido pela presença dos imigrantes que vieram integrar a população local da cidade. Porém, fica evidente que apesar dos construtores Arcuri ter desempenhado de forma intensa na composição deste

núcleo histórico, existiam outros importantes construtores, arquitetos, engenheiros e mestres-de-obras atuando nas edificações locais com uma tendência a seguir os princípios do estilo originário da Europa.

Pouca ou quase nula é a referência ao período da Primeira Grande Guerra Mundial dentro da historiografia estudada. A preocupação por este ponto é devido a uma primeira necessidade de importação de materiais. Isto nos leva a acreditar que o mercado nacional se acomodou para suprir tal demanda e que, por isto, não teve destaque específico.

Desse modo, abre-se um leque vastíssimo para estudo, no campo da História Social. Assim, no presente trabalho, pretendemos esboçar de forma sucinta, os diferentes enfoques em torno do Estilo Eclético desenvolvido em Juiz de Fora, a partir de autores que consideramos essenciais para um estudo mais aprofundado que dará origem a nossa dissertação de mestrado.

* Graduada em História pela UFJF e mestranda em História Social pela UFRJ.

NOTAS:

¹ Publicações Eletrônicas:

GENOVEZ, Patrícia Falco; LEITE, Mônica C. Henriques; GAWRYSEWSKI, Paulo; FRAGA, Raquel de Oliveira. *Núcleo históricos e arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro (parte baixa)*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

_____. *Núcleo históricos e arquitetônico da Praça João Penido*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

_____. *Núcleo históricos e arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro (parte alta)*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

_____. *Núcleo históricos e arquitetônico da rua Batista de Oliveira e Avenida Getúlio Vargas*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

GENOVEZ, Patrícia Falco. *Núcleo históricos do bairro Granbery: nota prévia de pesquisa*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

_____. *Núcleo históricos da Rua Espírito Santo: nota prévia de pesquisa*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

_____. *Núcleo históricos da Avenida Barão do Rio Branco (Alto dos Passos): nota prévia de pesquisa*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

_____. *Núcleo históricos da Avenida Barão do Rio Branco (Parque Halfeld e Largo do Riachuelo): nota prévia de pesquisa*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

_____. *Núcleo históricos da Avenida dos Andradas e Bairro Mariano Procópio: nota prévia de pesquisa*. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. Disponível em : <http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>. Acesso em: 10 jul. 2002.

² GORENDER, Jacob. *A burguesia Brasileira*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 43.

³ PIRES, Anderson J. *Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930*. (Dissertação de Mestrado), Niterói: 1993. p. 13.

⁴ PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. *Preservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: IPLAN/PMJF, s/d. p. 67-72.

⁵ Devido ao desenvolvimento industrial, principalmente com a indústria têxtil, Juiz de Fora foi comparada à cidade industrial da Inglaterra, Manchester. Termo usado pelo Diário do Povo em 15 de novembro de 1912 na parte destinada a Homenagem ao Trabalho.

⁶ CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos pobres: A Belle-Époque Mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

⁷ FABRIS, Annateresa. “ O Eclétismo à luz do modernismo”. In: FABRIS, Annateresa (org.) **Eclétismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p.283.

⁸ Idem. p.285.

⁹ PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. *Preservação do patrimônio histórico ...* Op cit.

¹⁰ VALE, Vanda Arantes do. *A arquitetura Latino-Americana da...* Op cit.

¹¹ Idem. p. 45.